SERMAÕ

PREGADO NA REAL CASA
DE
SANTO ANTONIO,
NA GRANDE FESTIVIDADE
QUE O
ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO
SENADO DA CAMERA DE LISBOA
FEZ PELA RESTAURAÇAÕ
DESTE REINO
A 28 DE SETEMBRO DE 1808.

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO,
PREGADOR DO P. R. N. S.

LISBOA:
Na Offic. de Antonio Rodrigues Galhardo,
Impressor do Conselho de Guerra.

ANNO DE M. DCCC. IX.

Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/sermoprgadon00mace

SERMAÕ

PRÉGADO NA REAL CASA

DE

SANTO ANTONIO

A 28 de Setembro de 1808.

Et hæc facient vobis, quia non noverunt Patrem neque Me.

Ex Ev. Mis. vot. SS. Trin.

I. ESTes saõ os tremendos, e infaliveis oraculos, com que o Homem Deos prepára, e dispõe seus Apostolos para a grande obra da propagaçaõ do Evangelho, e conversaõ do Mundo. Assim lhes declara como se realizaria a proxima revoluçaõ moral da terra, e como sobre sua face se renovariaõ tódas as coizas; como os homens mudariaõ de sentimentos, e huma nova, e celestial Filosofia deveria succeder ao imperio das trévas,

e da ignorancia. Com estas promeças bem capazes de assustar, e aterrar o coraçaõ humano lhes descobre como até sobre o diadema dos Reinantes se levantaria a humildade da Cruz, e como aquillo mesmo que escandalisava o Hebreo carnal, e parecia huma rematada loucura ao sabio orgulhoso, seria reconhecido no mundo como a maior obra, e o maior prodigio do Braço Omnipotente do Supremo Arbitro da Natureza. E com effeito; apenas se despregou, e fluctuou nos ares o estandarte da Religiaõ, de toda a parte se levantáraõ tambem amotinadas ondas de contradições. Desde o Jordaõ até ao Tibre começou de lampejar a espada exterminadora, e o primeiro brado da opposiçaõ soou no centro da mesma Sinagoga. A lei que a promettia, os vaticinios taõ claros com que o mesmo Moisés a tinha annunciado, os oraculos evidentissimos dos Proferas, que a declaravaõ, foraõ com ella interpretados pela malicia, e pelo odio daquelle povo incrédulo, e contumaz. Fechou os olhos e naõ quiz ver o pomposo quadro traçado por Daniel

niel, onde se representa a mesma Religiaõ com taõ vivas e admiraveis côres. Nem a successaõ, e quéda dos Imperios, nem a marcada epoca do apparecimento, e morte do Messias, bastáraõ para que este mesmo povo cego, ingrato, rebelde, e proscripto, a reconhecesse divina. Todas as mãos, todos os braços contra ella se levantáraõ; dilatou se o furor da contradicçaõ, como lemos em os Actos dos Apostolos, este furor incendiou os espiritos, fez rebelar as vontades, e corrompeo os corações dos homens, pôde obcecar-lhe o entendimento de tal maneira, que naõ cediaõ á força, e ás luzes da evidencia; e o mundo incredulo conjurou na sua perda, seu exterminio, sua aniquilaçaõ. Os Presidentes da Palestina, os Proconsules da Siria a denunciáraõ aos monstros de Roma, como destruidora das constituições do Imperio, opposta á soberania dos Cezares, inimiga da Idolatria antisocial, e perniciosa. Com taes côres a vemos debuxada em Suetonio, assim a representa a mal gna misantropîa de Tacito; e ainda que Plinio a naõ exponha com taõ carregadas sombras

bras aos olhos de Trajano, trata de pertinacia desacordada o que nos santissimos Confessores do Evangelho era heroica constancia. Sobre o Throno de Roma se succede o imperio dos Tigres, e d'humas a outras garras insanguentadas se passa o sceptro de ferro, que se deve banhar no sangue dos Martyres. Caligula nomeado successor de Tiberio, que até fechado no tumulo se quiz vingar dos Romanos, perpetuando depois da morte a tirannya, deo a primeira impulsaõ á sevicia atroz com que começáraõ a ser tratados os innocentes discipulos do crucificado; elle derramou o primeiro sangue christaõ. Claudio com huma estupidez fria, e Nero com huma crueldade reflexa, multiplicaõ as victimas, insultaõ a Religiaõ, consternaõ a natureza, e fazem naõ submergir, mas fluctuar a barca de Pedro. A espada da perseguiçaõ se transmitte com o sceptro, e até quando parece sentar-se a filosofia no throno, se derrama sangue. Trajano, Nerva, Alexandre, Severo e Pertinás, ensanguentaõ, ou ensopaõ a purpura no sangue dos Martyres; nem o Estoico

Mar-

Marco Aurelio poupa lutos á humanidade, e lagrimas aos homens.

II. Mas esta tiranya injuriosa á natureza, estes aggravos feitos á Religiaõ, estes insultos contra o Evangelho, naõ tem outro alicerce mais que a politica errada, o ciume da soberania, e para melhor dizer, a ignorancia. *Et hæc facient vobis, quia non noverunt Patrem, neque Me.* Naõ conheciaõ o Systema santissimo da Religiaõ, a economia da Providencia sobre a regeneraçaõ espiritual dos homens; eraõ-lhes incognitos os misterios da Revelaçaõ, nem percebiaõ huma origem divina na moral do Evangelho. Constantino sóbe ao Throno, e sóbe com elle a Religiaõ, habatem-se os Idolos, destróem-se os Templos, ou se santificaõ; o Christianismo he a Religiaõ do Imperio, fogem as supresticões, aniquila-se o Gentilismo, respira a humanidade, adora-se a cruz, dilata-se a crença, desfazem-se as tempestades, e ousaõ já sahir das catacumbas, dos subterraneos, das cavernas, dos montes, do seio dos ermos, das solidões da libia os aterrados Christãos; e o Supremo Pas-

tor

tor no centro do Imperio, e no regaço da paz, rebanha as dispersas Ovelhas de J. C. Mas Constantino conhece a Deos, adora seu Unigenito filho, abre os ouvidos á vós das Apologias, convoca Synodos, elle mesmo assiste ao de Nicéa; determina-se o Simbolo, elle o recebe, o sanccciona, o publica; elle mesmo fala no meio daquelles orgãos da eterna verdade, e nada ha taõ glorioso no estabelecimento do Christianismo, como os monumentos que nos conserva Euzebio de Cezarêa, padrões eternos levantados á Religiaõ, e ás virtudes de Constantino. Se a ignorancia fez de seus antepassados outros tantos perseguidores, a Sciencia, e o conhecimento o torna a elle o primeiro defensor da Fé. Se Diocleciano firma em Nicomedia o decreto da proscripçaõ, elle firma em Constantinopla o edicto da confirmaçaõ da liberdade dos Christãos, e da universalidade do culto. Se a ignorancia os perseguio, o conhecimento os defendeo. Se a insipiencia aggravou a Deos, despresou os misterios, profanou os primeiros Templos;

a Fé luminosa desaggravou a Divindade, acreditou a J. C. Salvou os fieis, estabeleceo o culto com submissaõ, e com respeito.

III. Funesto seculo da nossa existencia! Tu ainda offereces hum espectáculo mais desolador do que offereceraõ os primeiros dias da nascente Igreja. A perseguiçaõ nasceo entaõ da ignorancia, agora nasce da malicia; e Deos he ultrajado, quando he conhecido, o Evangelho proscrito, quando he conhecido, e publicado; os Templos profanados, quando seus mesmos profanadores receberaõ nelles o baptismo. Se hum inimigo ignorante, diz o Senhor, levantasse contra mim a vós, eu o soffereria, mas ser ultrajado por quem me conhece, perseguido em meus ministros por quem delles recebeo o oleo da consagraçaõ, e a investidura do Imperio, eis-aqui o attentado que accende em minhas mãos o raio da vingança, e que me obriga a derramar a minha ira contra os habitantes da terra; meus flagellos se estenderaõ a todos os Póvos, e a terra toda ficará coberta de luto, eu me mostrarei

o

o Deos das vinganças; e pois a malicia affecta ignorar-me, eu reproduzirei os castigos, que fiz sentir a Menfis, a Babilonia, e a Roma idolatra no meio de suas escandalosas prostituições.

IV. Portuguezes, nós vimos o nosso Deos ultrajado, aggravado, affrontado, e este Imperio, que conserva intacto o deposito da Religião, e da Fé, foi o theatro das profanações; ellas despedaçáraõ nosso coraçaõ de magoa, e enchêraõ nosso espirito de confusaõ. Nós conhecemos a Deos, nós o adoramos Creador, nós o acreditamos Redemptor, nós vimos vilipendiados os attributos de Creador, o caracter, o ministerio, as funcções, e as virtudes de Redemptor; nós consideramos este Deos irado, e desejamos, agora que a fatal coorte de seus inimigos desappareceo dentre nós, desaggravar sua Magestade Suprema offendida, e ultrajada pelas mãos dos impios, que surdos á vós da natureza, da rasaõ, da humanidade ousaraõ levantar a frente sacrilega contra o Ceo, e desafiar os raios da eterna justiça, e vingança. Eu devo traçar-vos o qua-

quadro dos ultrajes feitos a Deos, e devo descobrir os meios de os reparar e de satisfazer a eterna Soberania offendida. Deos he Creador, e foi offendido, nós o devemos desaggravar com as nossas adorações, e com a submissaõ perfeita aos decretos de sua Providencia. Deos he Redemptor, nós o vimos aggravado no seu caracter, na sua Missaõ divina, no seu Evangelho: nós o devemos desaggravar com a nossa fé, com o nosso amor, com o nosso zelo, pela gloria da Religiaõ, que elle nos touxe do Ceo para nos regenerar, e para nos remir.

V. He nestas disposições que eu vejo diante de meus olhos os Representantes da Naçaõ, o Povo illustre, seus Magistrados, seus Pastores, seus Defensores, e os que de estranho e remoto clima nos trouxeraõ a força, a liberdade, a independencia, a grandeza. Talvez que nenhum dos primeiros Oradores do Christianismo sobisse rodeado de iguaes circumstancias á cadeira da verdade. Oh! Se eu os imitára em talento, e sabedoria, como os sigo em o ministerio! Entaõ vós escutarieis trovejar desde este lu-

lugar santo contra o ultrajador, e profanador público da Divindade e da Religiaõ, com a mesma vehemencia, com que outr'ora o eloquente Chrisostomo invectivou as profanações da impia Eudoxia, e o sublime Nasiaseno fez esfriar de susto, e pavor, o sacrilego e apostata Juliano! Eu advogo a mesma causa, eu combato hum inimigo ainda mais formidavel. Eudoxia, era huma mulher, Juliano hum Filosofo avesado a escutar a vós da sabedoria nas escolas de Athenas, e por isto mais disposto a ceder á força da verdade, que hum barbaro mais soberbo, que Totila, mais sanguinario que Genserico, mais brutal que Atila, mais implacavel na vingança que Desiderio, e que Ataulfo. E terei força para o combater? Espirito, zelo, e vehemencia para o aterrar? Ja que vós, Senhor, permittis que eu mortal intente desaffrontar-vos, e punir por vossa gloria, e Magestade aggravada, em quanto vossa ira accende, e arreméça os raios da vingança contra as gentes, que vos naõ conhecem, enchei-me do espirito de vossa sabedoria, diante da qual he nada

a pompa da humana eloquencia. Vós dirigistes a pena de Justino, de Atenágoras, de Tertuliano, e de Arnobio para advogarem a causa da vossa Religiaõ perante os Tyranos que a combatiaõ, vede que eu me vou confrontar com outro ainda maior; mas no vale de Terebinto, porque vós o ajudais, hum simples e ignorado Pastor triunfa de hum Guerreiro, e de hum Gigante.

VI. A soberba, e o orgulho, primeira fonte impestada das desgraças do homem, lhe inspiráraõ o primeiro crime. A soberba, e o orgulho lhe levantáraõ, e sustentáraõ o braço iniquo, e sacrilego, que elle erguco contra o Ceo. Hum vaidoso delirio lhe fez imaginar que podia ser igual ao Omnipotente. Este delirio tinha precipitado no fundo do abysmo, e ligado em cadeias de eternos tormentos o mais levantado Espirito das moradas eternas da paz, e da felicidade: elle envolveo no mesmo crime o mortal primeiro, e ainda que a pena do delicto de Adaõ pese sobre a sua posteridade, qual he o de seus desgraçados filhos, que reproduzio seu peccado

do, e o imitou em seu desatinado furor? Ainda que a luz da razaõ tanto affrouxasse entre seus descendentes, nenhum imaginou que podia ser igual ao seu Deos. A que barbaro ainda que selvatitico, e inculto, naõ diz a Natureza, que he Creatura? A quem naõ mostra a razaõ que he contingente, e que sua existencia he precaria? Quem ha, que ao menos naõ rasteje o conhecimento de hum Enteprincipio, de huma primeira causa livre, immortal, e independente? Póde o orgulho cegar a Nabuco para se esquecer hum momento, que era mortal, mas nunca o cegou, ou endureceo tanto, que se persuadisse, ou dissesse que era Omnipotente. Póde imaginar, que a seus exercitos naõ resistiaõ os homens, que Babilonia era Senhora do Mundo, e que a hum aceno de sua vontade podiaõ cahir, ou levantar-se os muros de Jerusalem. Póde julgar, que nem o Idaspe cortando o Indostaõ, nem o Nilo desde as entranhas da Africa, inundando, ef ertilisando o Egypto, podiaõ servir de insupperaveis barreiras ás suas armas victoriosas; mas nunca seus so-

soberbos, ou loucos Diplomas o annunciáraõ omnipotente. Era este hum attentado, a cujo aspecto desmaiava a vaidade, e ufunia do soberbo Nabuco: e ainda que os Reis da terra dobrassem, e submettessem a seu jugo os humilhados pescoços, chamava-se guerreiro, triunfador, e poderoso, mas nunca se fez chamar Omnipotente. Mandou levantar huma Estatua collossal como o seu orgulho, e mandou que no momento de sua inauguraçaõ todos os Vassallos de seu vasto Imperio dobrassem humildes os joelhos, e a adorassem, e sem transgredir o estreito circulo da humanidade exigio adorações de homem para homem, naõ se fez chamar omnipotente, naõ roubou com sacrilega audacia o mais visivel attributo da Divindade, e apenas descobre o espantoso prodigio dos corpos vivos, e incombustiveis entre a voracidade das chamas, adora, e reconhece hum Deos, cujo altar he o Ceo, cujo Templo he o Universo. E quando na agitada, e confusa fantasia se lhe descobre na grande Estatua o simbolo dos Imperios da terra, e na fragil base em que se sustinha

nha a fraqueza , e rapidez de sua duraçaõ; naquella invisivel maõ, que arranca a pedra da montanha, e que a hum pequeno toque pulverisa o desmedido fantasma, elle reconhece a força irresistivel da Divina Omnipotencia, de cujo arbitrio pende a elevaçaõ , a conservaçaõ, e a queda dos Imperios, e das Monarchias. Toda a Soberba do Monarcha de Babilonia se desvanece , ou se nos representa huma ligeira nuvem , que o vento dicipa, quando a comparamos com o ultraje , que hum detestavel monstro ousa fazer a Deos no centro da Religiaõ.

VII. Estende, e dilata Sesostris suas rapidas conquistas desde as margens do Nilo ate ao extremo limite do Oriente. Os Imperios da Asia cedem á força do Conquistador, e a terra submissa aceita suas leis , e obedece a seu despotismo, e ufano de tantas victorias, deslumbrado com o fulgor de tantos triunfos, ainda que mande eternisar seu nome nas soberbas Piramides , que parece rivalisaõ com seculos na duraçaõ , quando destina huma destas orgulhosas machi-

nas

nas para seu sepulcro, neste mesmo apparatoso mausoleo, naõ se esquece que he mortal: a distincçaõ do tumulo naõ o isenta das leis invariaveis da humanidade, seu cadaver naõ occupa mais lugar em huma Piramide, que o do mais humilde de seus vassallos em huma cova rasa sem campa, e sem letreiro; nem se desvanece tanto, que se chame omnipotente.

VIII. Se eu alongo minha vista para outros quadros da soberba, e da demencia humana, assim he que descubro em Roma tudo quanto póde inventar o orgulho, imaginar a vaidade, e appetecer a ambiçaõ. Vejo na morte de tantos monstros, cuja vida naõ foi mais do que o crime, huma ceremonia gentilica escarnecida pela Filosofia, e detestada pela razaõ, quero dizer, a chimerica apotheose, pela qual eraõ reconhecidos numes subalternos, ou transformados em astros, aquelles mesmos que por suas acções podiaõ apenas ser classificados com os brutos irracionaes. Tanto podia a lisonja; e para adularem hum successor barbaro, que começava a sustentar

as redeas do monstruoso Imperio, collocavaõ irrisoriamente entre as Divindades do fabuloso Olimpo o predecessor extincto. Porém Julio, convertido em nova estrela, nunca foi chamado Omnipotente. Davaõ a seus Conquistadores os nomes orgulhosos das Provincias submettidas, dos Imperios conquistados; hum se chamava Africano, outro Germanico, outro Cimbrico, mas nenhum se chamou Omnipotente. E se as funestas victorias podem apropriar ao homem sacrilegamente este attributo da Divindade, serõ acaso para se compararem os conflictos do abjecto Corso com as decantadas victorias de Scipiaõ, de Mario, de Cesar, de Pompeo, e de Germanico? Pódem acaso igualar-se as correrias perfidas do latrocinio, e da impostura com os triunfos alcançados pelos Conquistadores Romanos nas tres partes do Mundo entaõ conhecidas? A Persia avassallada, a Armenia vencida, a Siria, a Mesopotamia, o Egypto reduzidos a Provincias. A Azia menor, a Macedonia, toda a Grecia, o Illirico, a Panonia, a Germania até ao Armorico, as

mar-

margens meridionaes do Baltico, as Gallias, as Hespanhas, a mesma triunfal Bretanha, a Africa desde o Atlante até aos areaes de Siene com as Ilhas do Mediterraneo incorporadas no Imperio, e contidas com a presença de soberbissimas, e invensiveis Legiões de verdadeiros soldados, naõ saõ alguma coisa mais que o fantastico dominio do atrevido Corso, que naõ tem proprio outro terreno mais do que aquelle em que fixa os pez, e em que levanta por alguns instantes com o nome de Monarcha algum automato detestado em silencio, por aquelle Povo que espía o momento da sublevaçaõ para se vingar da injuria feita á liberdade, e independencia das Nações? Estes famosos Conquistadores Romanos nunca se chamáraõ omnipotentes, nem a lisonja lhes apropriou jamais os attributos da Divindade. Alguns dos monstros, que se sentáraõ no throno, pisáraõ, assim he, e enchovalháraõ a humanidade, proscrevêraõ os cidadãos beneméritos, foraõ os flagellos da Patria, e obrigáraõ os homens escravisados a lhes chamárem pais da mesma

Patria ; Domiciano naõ satisfeito de deprimir, e aviltar o povo , leva a impudencia ao extremo de ludibriar o mesmo Senado , fazendo-o juntar para a deliberaçaõ do mais ridiculo objecto, mas naõ se diz omnipotente ; nem quando aterra as naçõés , e lhes lança ferros, tem a descarada impudencia de lhes dizer que vaõ existir felizes debaixo de sua omnipotente protecçaõ.

IX. Este ultraje, este horrendo desacáto, que hum gentio se naõ atreveo a fazer a Deos (e a quem naõ he terrivel , e augusta a idea da Divindade?) nós o vemos executado no seio do Christianismo, no regaço da Religiaõ, e o que mais deve dobrar nossa magoa, nossa dor, nosso profundo sentimento, o que mais deve rasgar nossos corações, aterrar nossos espiritos, e cobrir-nos de carregado, estranho, e perduravel luto, he vermos commettido este crime dentro dos limites de nossa Patria , ficando até contaminada nossa maternal lingoagem com estas expressões de blasfemia. E que outro caracter póde trazer o homem do peccado? Que mais horrendas blasfemias con-

contra o santo nome de Deos se ouvíraõ áquella besta ferocissima, que o Apocalipse nos representa levantando a fronte contra o Ceo, e insultando com grandes, e enfaticas expressões o Soberano Dominador da Natureza? Nós ouvimos estas blasfemias, nós fomos testemunhas destes ultrajes, desgraça muito mais sensivel para nós, que a perda da liberdade, e soberania, mais sensivel que a expoliaçaõ das propriedades, que o roubo de thesouros, e que as atrozes perfidias, e escandalosas aleivosias, com que fomos tratados. Golpe muito mais acerbo para nosso animo, que o mesmo roubo das preciosidades do sanctuario. Naõ era este hum crime novo no catálogo das perversas acções humanas: foi visto em Jerusalem, quando o Tyranno de Babilonia roubou, e incendiou o Templo do Senhor; e quando o impio Antioco executou a mesma sacrilega rapina. Só naõ víraõ as eras, nem escutáraõ até agora os mortaes a impiedade de que fomos testemunhas; e em hum Reino onde o deposito da fé se conserva intacto desde sua infancia até agora: em hum Reino

onde os Monarchas levantáraõ immortaes padrões de sua piedade, e de seu respeito a Deos, desde o instante em que começáraõ a vencer no mesmo Reino os inimigos da Religiaõ: com hum braço sustentavaõ a espada para debelar exercitos, com o outro lançavaõ nos alicerces dos Templos a primeira pedra, onde a posteridade mais tardia possa ver impressos os caracteres de sua Religiaõ, e seu respeito ao Senhor Deos dos exercitos, e das victorias.

X. A que se encaminhou entre nós esta sacrilega audacia, com que affrontáraõ o Immortal, que nós agora prostrados ante seus altares procuramos desaggravar? Ah! cuidou sua barbara ignorancia, sua immoralidade que nos dava desta arte huma idéa cabal de hum heróe guerreiro; cuidáraõ os impios, que nós naõ poderiamos conceber no entendimento a cadêa de suas victorias, e o apparato de suas rapidas conquistas, se naõ pela idéa da omnipotencia. Insensatos! Esta expressaõ da impiedade e do atheismo só nos podia encher de horror. Julgavaõ, que fallavaõ a barbaros, e incultos in-

su-

sulares do mar do sul novamente descobertos; esqueceraõ-se que fallavaõ a Portuguezes. E quem mais, e melhor do que elles conhece, que coiza seja hum Conquistador magnanimo, e illustre? Os passos perfidos do atrocissimo Corso valem acaso as victorias alcançadas pelo primeiro dos nossos Monarchas? Naõ foi Affonso Henriques o primeiro combatente de seu exercito! Naõ marchou sempre á sua frente? Naõ deo elle o primeiro sinal, e o primeiro exemplo no combate? Quando levantou o braço invensivel, e fez lampejar a fulminante espada, que Cidade, que Villa, que Praça forte, que Castello, que muralha, que propugnaculo, ou feito pela arte, ou formado pela natureza resistio ao impeto guerreiro, com que atacava, vencia, e derrotava exercitos, escalava fortalezas, arrasava muralhas, demolia Castellos, forçava asperas, e inaccessiveis montanhas? Naõ sabemos nós, que seus netos foraõ iguaes a elle em feitos d'armas, em victorias, em triunfos? Quem dentre nós ignora as margens do Salado e suas ondas correndo tintas de

san-

sangue, quando o bravo quarto Affonso, oppondo hum soldado Portuguez a milhares de Agarenos armados, se coroou de louros immortaes, e naõ quiz dos immensos despojos tirados dentre quatro centos mil cadaveres, mais que os pendões das Luas de Mahomet, que pendurou no Templo de Maria, como outro esforçado Macabeo no Templo de Jerusalem as bandeiras das nações barbaras, e incircumcisas por elle vencidas, e destroçadas? Quem de nós ignora o primeiro Joaõ nosso libertador? Deo-lhe a virtude, e o valor o commando supremo das forças Portuguezas, para libertar a Patria, he acclamado Monarcha, e de 24 annos de idade cinge o louro da mais estrondosa victoria, de que se lembraõ os annaes da Lusitania; e infatigavel, e rapido como o raio, corre com o mesmo impeto, com a mesma força, e com os mesmos effeitos os limites da Monarchia, firma seu throno sobre suas palmas, e segura entre troféos, nossa independencia, liberdade e soberania. Póde acaso o ignobil Corso comparar-se a este heróe, a este restaura-

rador, a este invicto Soberano? Guerreiro com franqueza, e magnanimidade, seu valor he estabelecido sobre a justiça da causa que defende, e julga huma vileza tudo que naõ he á força descoberta. O verdadeiro valor ignora o artificio; e a perfidia he a partilha das almas pequenas, e baixas; e só he capaz de commetter aleivosias, e chamar-lhe victorias, quem compra o supremo commando de legiões de Salteadores a preço de vís, e infames laços de hum vergenhoso consorcio. E he este o que se diz omnipotente! Quem dentre nós naõ repete com assombro o nome do quinto Affonso? Naõ he para elle barreira o Oceano, e vai acossar seus inimigos até dentro dos adustos areaes Africanos em que se acoitaõ: bate com a ponta da lança ás portas de Marrocos, e de Tetuaõ; escala elle mesmo os muros de Tangere, e de Arsila, e torna da conquista da Africa, que lhe deo a antonomasia pelas mãos da justiça, mais glorioso que Mario, e Scipiaõ da entrada, e conquista de Cartago. E tem alguns visos de similhança com esta conquista

a perfida entrada de Malta, onde o Corso mostra o ramo da oliveira como annuncio de paz, e esconde atraz delle o punhal de Assassino? Tem alguns visos de similhança com esta conquista o refalsado desembarque no Egypto, onde os desapercebidos habitantes o naõ reconhecem inimigo senaõ depois que dispara as bombardas contra a inerme Alexandria, de cuja expediçaõ trouxe depois o pezar de a haver intentado, e a vergonha de a haver perdido? Eu naõ me quero lembrar de nossas conquistas, e victorias no Oriente, nem das virtudes daquelles heroicos homens immortaes, que alli fundáraõ hum Imperio sobre os alicerces do valor, e da honra, eu injuriaria sua memoria illustre, inquietaria suas respeitaveis cinsas dentro da sepultura, confrontando as victorias de hum monstro, alcançadas pela mais atroz perfidia, com os memoraveis feitos dos nossos heróes; e nós possuidores, e herdeiros destes mesmos feitos; nós, que conservamos a verdadeira idéa da grandeza, e gloria militar, poderiamos acaso julgar Omnipotencia, ou effeitos deste

te attributo da Suprema Divindade as campanhas do monstro? Para isso nos quizeraõ fazer ouvir a horrenda blasfemia contra Deos, magoando nossos corações, e deixando nelles huma taõ profunda impressaõ de sentimento, que nunca teremos lagrimas bastantes para os desafogar: nunca nos poderemos humilhar, e abater tanto diante do Senhor Deos dos exercitos que o julguemos cabalmente desaffrontado. Ah! Portuguezes, se hum ultraje feito a Deos Sacramentado, pelas mãos impias da heresia, e por hum furor estupido, e conhecido delirio, cobrio de tantos lutos o piedoso Monarcha D. Joaõ III. que nunca mais em sua Augusta face se descobrio alegria, nunca mais em seus vestidos se observou pompa, nunca mais em seu Palacio se vio magnificencia; e sua vida foi desde esse instante fatal hum tecido de amargura, a ponto de nunca mais em seus olhos se enchugarem as lagrimas; que dor deve ser a nossa, quando vemos desacatada taõ sacrilegamente a Suprema Potestade de Deos?

XI. Acaso nos quizeraõ fazer crer que

que hum taõ mesquinho mortal era Omnipotente, e irresistivel a força de seu braço; porque tinha promptas a seus accenos as Legiões, com que mandou profanar o territorio Portuguez, naõ se atrevendo de cobarde a dizer que vinhaõ como conquistadores; mas como protectores, (de quem, e contra quem?) Estas Legiões excitáraõ por ventura em nosso entendimento a idéa da Omnipotencia? Excitáraõ sim, mas a mesma idéa, que nos costuma excitar hum miseravel bando de estropeados mendigos, que recolhemos caritativamente em os asilos da compaixaõ, e da misericordia. Só lhes podiamos chamar a divisaõ de hum exercito, depois que os sustentamos, vestimos, e recolhemos. Eu naõ descobria nos agentes da pertendida Omnipotencia mais que os detradeiros parocismos da fome, da penuria, e da fraqueza: seu rosto, seu gesto, suas palavras eraõ a viva expressaõ da mendicidade. Eraõ na verdade no animo viboras a quem hum longo inverno entorpece, e aturada inedia amortece o veneno, que só escaldadas ao novo Sol da pri-

primavéra adquirem calor, e movimento. O seu poder, se algum lhes deixamos ter, foi devido á nossa humanidade. Ingratos, que os arrancamos da morte, e lhes cobrimos os enrregelados, e tranzidos membros para nos despojarem das riquezas, que tinhamos, e para attentarem contra a nossa existencia. A pena que me divide o coraçaõ, e que me acompanhará á sepultura, de que pareceremos fracos aos olhos da posteridade, porque os naõ supplantamos com hum pequeno assopro, só se me adoça com o testemunho interior da consciencia, que me diz que fomos generosos como Portuguezes, e caritativos como Christãos com os nossos mesmos inimigos: conservamos-lhes a vida, podendo-lhes dar a morte, e levantamos do chaõ famintos, e moribundos aquelles mesmos, que depois com tanta ingratidaõ como audacia intentáraõ esmagar-nos a frente debaixo dos pés, que tiramos da descalcez, e da penuria.

XII. Mas embora fossemos nós sós os ultrajados, os offendidos, os oppressos, e pisados; eu adoraria submisso, e humil-

milde a maõ reguladora daquella Providencia, que permitte a vicicitude dos Imperios, que humas Nações sejaõ flagellos das outras, e que os Póvos sintaõ o peso da tiranya para castigo de seus crimes. Embora fosse entre nós a humanidade aviltada, o direito das gentes postergado. Embora se levantassem sobre nossos Castellos, e Fortalezas, e nas fachadas de nossos Arcenaes as orgulhosas Aguias. Embora os que recebemos como hospedes, e peregrinos nos chamassem escravos. Embora levantassem entre nós a cabeça insolente cobertos de nossos despojos, e nos ludibriassem com as illusorias promeças de huma fantastica ventura: Embora nos dissessem que preparassemos Palacios, e Thronos; porque poderia acontecer, que a Magestade, e Soberania imperial do descarado usurpador Corso se quizesse hum momento esquecer de si, abaixando os olhos para nossa pequenhez, e detellos hum pouco em nossa miseria, que talvez se dignasse de honrar nossa Patria com sua presença, que talvez chegassemos a tanta ventura, e a taõ supremo gráo de felicidade,

de, que sua maõ depondo por hum pouco a espada irresistivel se dignasse firmar hum decreto, em que determinasse que fossemos huma Naçaõ, mandando que occupassemos o lugar que nos competia no globo. Ainda digo mais. Embora se nos mandasse, que com as nossas proprias mãos levantassemos hum arco de triunfo similhante ao que lhe levantáraõ os miseraveis habitantes de Bruxelas, ou huma altissima piramide como a que foraõ obrigados a construir lhe os infelises moradores de Luxemburgo, e que com as nossas mãos em sua e nossa maternal lingoagem lhe gravassemos em bronze a mesma inscripçaõ. — Ao heróe dos dois Mandos, pacificador da Europa, restaurador da moral, e regenerador das sciencias, das artes, e das Leis — Ah! naõ seria para nós taõ pesado este opprobrio, naõ nos julgariamos taõ aviltados, e offendidos, quanto ficamos magoados com a detestavel, e horrivel blasfêmia, com a apropriaçaõ do attributo da Omnipotencia a hum vaidoso, e miseravel mortal, taõ digno do odio, e desprezo público, quanto he soberbo.

XIII.

XIII. Parece que se humilha muito, e faz resvalar sua grandeza, se os seus crimes forem similhantes aos dos outros mortaes: para elle naõ basta ter delictos como homem, elle quiz ter hum crime que o tirasse do circulo da humanidade, e o igualasse unicamente ao Demonio. Os outros Tyranos, disse seu coraçaõ onde a soberba sóbe sempre, tinhaõ crimes como homens; eu devo ter hum crime, que pertença unicamente ao Demonio. *Similis ero Altissimo.* He verdade que Alexandre, cujas conquistas eu obscureço com huma só das minhas victorias, em que eu peço a paz ao vencido, e o vencido fica com maior e mais dilatado Imperio, affectou no seu delirio, ou embriaguez huma prozapia divina, fazendo se filho de Jupiter Amon, querendo ser fructo de hum adulterio para ter esta gloria commum com os seminumes, e heróes; eu devo ter mais alguma coiza, serei Omnipotente; Omnipotente a minha protecçaõ, Omnipotentes as minhas armas, Omnipotentes os meus forçados conscriptos, Omnipotentes os meus Generaes taõ ra-

pi-

pidos como o vento do meio dia, mas em voar, e fugir da vista dos inimigos. Mas basta, eu naõ devo misturar a amarga ironia a hum objecto de tanto momento, e ponderaçaõ. Deos está ultrajado, e de que fonte podia correr naquelle coraçaõ pervertido este monstruoso attentado? Eis-aqui hum effeito, ou resultado daquella filosofia, que foi origem de tantas desgraças, quando intentou a regeneraçaõ moral do homem; quando fez soar a vós da funesta, e inrealisavel igualdade, que confundio para sempre a ordem das gerarchias, sem a qual naõ póde subsistir, nem prosperar, nem conservar-se a sociedade civil: daquella filosofia até alli escondida na obscuridade, e no silencio, e que transpirava apenas naquelles escritos, filhos das trevas, que espalhados pelas mãos dos semidoctos, hiaõ derramando ponco a pouco o veneno da immoralidade e da irreligiaõ. Funesta filosofia, que solapou os fundamentos, e bazes da legislaçaõ; proscrevêo todos os principios da justiça; fez da virtude hum nome vaõ e fantastico; absolveo o homem de todos

os deveres, que a mesma natureza inspira; familiarisou-o com o vicio, avesando-o a naõ se espantar de seu aspecto medonho, e obrigando o miseravel, que se diz engenho forte, a suffocar os remorsos, grito interior da consciencia, em cujo tribunal nunca o máo he absolvido. Desgraçada filosofia, que, depois de arrancar do coraçaõ do homem o sentimento da honra e probidade, se dirigio a lhe corromper o espirito, arreigando nelle o monstruoso materialismo, roubando ao triste que geme nos braços do infortunio a doce consolaçaõ de huma paz, e de hum refrigerio eterno, e que tambem resolve o problema da prosperidade dos impios dentro do circulo da mortal existencia. O desesperado materialismo avesa o homem á tristissima idéa da aniquilaçaõ. O nada he seu destino; o nada he seu fim, e com isto enfraquece todos os estimulos da virtude, dicipando a idéa suavissima da immortalidade; suffóca o germe das grandes, e generosas acções: e naõ contente com estes desgraçados fructos, a mesma filosofia ousou affrontar a Divindade, e com tanto

to descaramento, que na revolucionada França se fez pûblica profissaõ de Atheismo. E quem póde duvidar que suas reaes desgraças e desventuras, debaixo das lisongeiras superficies da gloria das conquistas, saõ hum verdadeiro castigo deste crime horrendo! Até ao momento da revoluçaõ apenas se atrevia o impio a dizer no fundo de seu coraçaõ, que naõ existia o supremo Dominador dos Ceos e da Terra, e quando muito no seio daquelles tenebrosos conventiculos de alguns enciclopedistas se repetiaõ os paralogismos, e sofismas de Vanini, de Tindal, de Collins, e se enterpretava muito superficialmente Spinosa; porque toda a decantada penetraçaõ dos Francezes naõ chegou a sondar o pelago tenebroso deste chefe dos Atheos modernos; alli se acumulava hum delirio novo aos já rebatidos delirios de Protagoras, e de Epicuro. Mas apenas começou a revoluçaõ politica, que mais depressa foi revoluçaõ religiosa, ousou hum monstro como Mirabau subir á tribuna da Convençaõ, e levantar a voz com hum tom lugubre, e hum aspecto sepulcral, e dizer (tapai senho-

res os ouvidos como os Padres do Concilio de Efeso ao escutarem as blasfêmias de Nestorio) naõ existe o supremo Arbitro do Universo — Poucos foraõ os momentos de sua vida depois que proferio esta infernal proposiçaõ, bem como o apostata Ario depois que se atreveo a negar a consubstancialidade do nosso Salvador, e por consequencia a sua Divindade. Desde este momento se levantou logo o horrendo Collosso da irreligiaõ. A Fé, a probidade, a vergonha fugio da miseravel França. Foraõ os Templos sacrilegamente profanados, abolida sua antiga, e sanctissima invocaçaõ, e por hum estranho delirio, desconhecendo-se o supremo Autor da Natureza, se começáraõ a reconhecer, e adorar personagens moraes, entes de imaginaçaõ como outros tantos numes. Chamou-se o Templo da Victoria o que até alli se chamava de S. Sulpicio, e substituio-se o Gentilismo ao Christianismo, e os Francezes desorientados foraõ ao mesmo tempo Atheos, e Idolatras. Negou-se o Ente Supremo e faziaõ-se apparatosas festas á Velhice, á

vic-

Victoria, a Marte, á Concordia. Mas estas chimeras gentilicas naõ eraõ capazes de inspirar ao povo os sentimentos moraes. Sem Divindade, a virtude he hum nome vaõ. Eia pois, disse o atroz Robespierre, cuja alma solitaria vivia no meio de incommunicaveis trevas allumiadas apenas pelo facho das Furias; eu firmarei hum decreto, que determine a existencia do Ente Supremo, mandarei que exista; porque temos necessidade delle. Oh caso detestavel, e unico em os annaes da perversidade, e do delirio! Oh caso horrendo, tu exististe, e os Francezes saõ teus autores! Este decreto lavrou-se, firmou-se, escutou-se, imprimio-se em França! Nos infames Jardins das Tulherias se fez a primeira festa a este Ente Supremo decretado pelo feroz Robespierre. Elle mesmo se declarou o primeiro Augur, e notou-se que o vestido que o cobria, quando foi arrastado á Guilhotina, era o mesmo, com que tinha apparecido na fatal ceremonia de seu supremo Sacerdocio.

XIV. O Corso foi hum dos subalternos Ministros desta infamissima Orgia,

gîa, e ha muito que elle conservava no coraçaõ as sementes do Atheismo. Seu nome se acha no cathalogo da Sociedade dos Atheos de Rimini. Elle entrou no club de Holbac, donde sahio o monstruoso Systema da Natureza, e na sua volta do Egypto ainda fez a ultima visita á esposa de Elvesio, dizendo hum de seus assalariados panegiristas, que elle nesta visita rendendo homenagem á filosofia renovara a scena do Grande Pompeo, quando em Rodes se dignou entrar na escola do Filosofo Possidonio, mandando aos Lictores, que o precediaõ, que abatessem as varas consulares na presença do Filosofo, que elle queria honrar. Destes principios que podiamos esperar senaõ a sacrilega demencia de se chamar Omnipotente, ultrajando ainda mais a Divindade com esta palavra, que o mesmo Robespierre, seu modelo, com seu atrevido decreto.

XV. Este dasacato, que nós agora expiamos, se torna muito mais detestavel, quando nos recordamos que o monstro fez pública profissaõ do Christianismo quando se apossou do Consulado; e declara-

clarou a Religiaõ Catholica, Apostolica Romana, a Religiaõ do estado, quando elle mesmo entre os Francezes inimigos da Monarchia se sentou no throno dos Bourbons, e se chamou Imperador. Quiz que a Religiaõ com suas augustas ceremonias, e o Soberano Pontifice com sua virtude, e sanctidade autorisassem o auto funesto de sua coroaçaõ. Quem naõ diria, vendo dar, e receber o osculo da paz, e acceitar a corôa das mãos do Successor de S. Pedro, que estava sentado em o throno hum novo Constantino, hum novo Theodosio, hum novo Valentiniano? Estava hum Diágoras, que devia ainda ultrajar a Divindade nas suas expressões, assim como a escarnecia no fundo do coraçaõ. Elle mostraria adorar Mahomet se o Mufti Ottomano lhe pozesse a Corôa na cabeça. Chamou-se Christaõ, e naõ só insultou o Christianismo, mas enxovalhou a mesma natureza, cuja vós infalivel a todos annuncia, que existe o Creador, e que só elle he Omnipotente.

XVI. Eis-aqui o que naõ fizeraõ os perseguidores da Igreja; eraõ Gentios,

e defendiaõ a Idolatria, que julgavaõ verdadeira Religiaõ, ou pelas preoccupações da educaçaõ, ou porque assim convinha á politica: e se Juliano, que tinha recebido o baptismo, se declarou perseguidor, primeiro abjurou publicamente o Christianismo, e se declarou Apostata da Religiaõ: mandou levantar Templos aos Idolos, mas naõ se declarou Omnipotente. Este ultraje, ainda que grande, e abominavel, naõ he o unico que temos que sentir, e desaggravar. A mesma impiedade, que o declarou Omnipotente, foi a que publicou em nossos papeis, e asscalhou nas praças públicas desta Capital — Senhor dos destinos dos Póvos, e dos Reis. Hum abismo bradou por outro abismo; e depois de ultrajar a Divina Omnipotencia, quiz usurpar tambem a Providencia do Supremo Artifice, e Regulador do Mundo. As sortes, e destinos dos homens estaõ constituidos nas mãos de Deos. Elle tem marcado os imperteriveis termos de sua existencia, elle os exalta, elle os conserva, elle os extingue. Esta providencia reguladora naõ he menos visivel na ordem

dem moral do Mundo do que o he na ordem fisica: o quadro do Universo manifesta a nossos olhos hum artifice, que naõ desampara a sua obra: descobre-se a maõ que conserva os astros nas suas orbitas, que os faz obedecer ao astro central, que lhes renova o movimento pela conservaçaõ de oppostas forças. Descobre-se a maõ reguladora de hum Deos na mais admiravel, e mais formosa de suas producções fisicas, que he a luz, ou ella seja huma emanaçaõ do sol, sempre renovada sem que diminua a massa deste scintilante astro, ou seja a rapida vibraçaõ do éter pelo toque successivo do mesmo astro. Descobre-se a maõ reguladora da Providencia naõ só nos movimentos dos corpos celestes, mas na economia deste globo da terra, que nós habitamos: a unica força da vegetaçaõ he para mim origem das mais profundas, e filosoficas reflexões: basta o aspecto de huma planta para elevar ao conhecimento de Deos minha alma extasiada, e para a fazer prostrar humilde diante do throno da suprema Divindade. Quantas idéas sublimes se achaõ

reuni-

reunidas nesta palavra „ Vegetaçaõ ! — Tirai a lei da vegetaçaõ do Codigo da natureza, eis a terra hum arido, e infecundo deserto, hum rochedo escalvado, huma pavorosa habitaçaõ da morte coberta de hum vasto, e sempiterno horror. Nenhum corpo organico, e semovente existiria. Se a vegetaçaõ em si he huma prova da Providencia, quanto mais luminosa se torna esta próva, se considerarmos a ordem admiravel, e até as vecicitudes da mesma vegetaçaõ, a perpetuidade das especies, a conservaçaõ momentanea, e a passagem dos individuos! Pois se esta Providencia tanto reluz, e tanto se descobre na ordem fisica do mundo; a ordem moral do mesmo mundo, será acaso hum objecto indifferente aos olhos da mesma Providencia?

XVII. Os Christãos sentem, e conhecem esta verdade, quando alongaõ a vista, e o entendimento pelas sacrosanctas Escrituras; e basta a simples contemplaçaõ dos Oraculos de Daniel. Naõ póde ser mais espressa a ordem da Providencia sobre os destinos dos póvos, e

dos

dos Reis. Alli se determina a origem, a elevaçaõ, e a quéda dos Imperios: alli se designa o caracter dos Reinantes, as acções dos Conquistadores, a catastrofe, e successaõ dos dominios, e Dinastias, e tanto saõ Decretos da Providencia, que naõ he hum Historiador, que nos aponta as épocas do que he passado, e nos conserva a memoria dos factos que acontecêraõ; he hum Profeta inspirado immediatamente pelo mesmo Deos, que aponta os acontecimentos futuros, que os seculos realizáraõ, para que claramente conhecessemos, que os destinos dos Póvos, e dos Reis pendiaõ da vontade, e da Providencia do Supremo Senhor de todas as coizas. Eu naõ digo só que sua existencia, e conservaçaõ he obra da Providencia, mas até seu nome he designado pelo mesmo Deos seculos antes que appareçaõ na terra. E naõ foi esta pasmosa profecia de Isaias no cap. 45. quem determinou o triunfante Ciro a libertar o povo do Senhor, e tirar do cólo da humilhada Judéa as cadêias da escravidaõ, que a impia Babilonia lhe havia lançado? Naõ estava

ja

ja marcada nas divinas paginas do Deutoronomio a quéda, e extincçaõ do mesmo povo escolhido, a sua universal dispersaõ, e cativeiro entre os povos da terra? Naõ se designaõ alli as victorias de Tito, e Vespasiano! Naõ se ameaça em o mesmo Deutoronomio este povo indocil, e ingrato com o rapido vôo das Romanas Aguias, naquella naçaõ, e naquelles exercitos, que se compáraõ na rapidez de suas marchas com o vôo impetuoso destas aves agrestes, e carniceiras? Eu me espanto, e aterro sobremaneira com a voz terrivel do mesmo oraculo, que intima á naçaõ o ultimo periodo de sua existencia, pelo ferro, pelo fogo, pelo braço e pela força de hum povo, e de hum General, que inda devem existir *Delebit populus*, eis-aqui os Romanos, *cum Duce venturo* — eis-aqui, ou Pompeo, ou Vespasiano, ou mais depressa Tito na ultima, e ainda existente ruina de Jeruzalem! Que alto assombro se apodera de mim, quando vejo em hum Profeta determinada, e reduzida a existencia de Efraim ao espaço de 65 annos, e realisado imper-

te-

terivelmente este espantoso oraculo de Isaias Cap. 7! Os póvos, e os Reis em suas virtudes, e seus vicios saõ hum objecto da immediata vigilancia, e providencia do Immortal. Sedecias, ultimo Rey de Judá, he para o homem costumado a contemplar a maõ de Deos na ordem dos acontecimentos humanos hum objecto de terror, e de espanto, e nunca lanço os olhos para este quadro, que se naõ aposse de mim o silencio da obstupefaçaõ. Deos quiz deixar neste Monarcha hum memoravel exemplo de sua justiça para mostrar aos seculos futuros, que os Reis, ou reinaõ, ou deixaõ de reinar; porque o Senhor assim o decreta, dispõe, e determina em seus imprescrutaveis conselhos. Hum oraculo lhe falla de maneira. — Tu naõ morrerás, e tu naõ verás Babilonia — Este oraculo com que elle erradamente se lisonjêa, he a vós do castigo, que o supplanta. Resiste ao Monarcha de Babilonia, quebrando a fé dos tratados e naõ escutando a Jeremias, para ir em cadêas viver sem olhos na profunda masmorra de Babilonia, levantando as despo-

pojadas covas de cega fronte para o ceo, e reconhecendo com suspiros o golpe da divina Justiça por seus crimes merecida, e provocada.

XVII. Só Deos he o Senhor dos destinos dos Póvos e dos Reis : e atreve-se hum mortal mesquinho a apropriar-se esta funcçaõ só privativa da Divindade! Eu poderia dizer, que lutaria nosso entendimento com huma fantastica illusaõ, se nossos olhos naõ vissem impressa esta blasfêmia nos mesmos Diplomas, que os impios publicavaõ, e nas irrisorias promeças que nos faziaõ! He testemunha Portugal desta blasfêmia, he testemunha a mesma Hespanha, onde tambem soáraõ os écos destas sacrilegas vozes; saõ testemunhas aquelles Reinos, que sua atrocissima perfidia tem inquietado, dilapidado, invadido. Como arbitro dos destinos dos póvos, e dos Reis segundo elle se annuncia, pertende mudar suas primitivas constituições, suas leis, sua fórma de governo, seus Monarchas, ou seus Representantes, como fez com as Repúblicas, que invadio, premettendo melhorar sua condiçaõ como

Se-

Senhor da sorte dos homens : desta arte introduz seus salteadores avares, homicidas, sanguinarios, refalsados, e n'hum instante mizeraveis Póvos ficaõ engolidos na voragem profunda de sua ambiçaõ. Mas eu vejo, que este arbitro dos destinos, naõ he universal, limita-se unicamente áquelles Reinos, e Repúblicas, que pela sua pequenez naõ tem força repulsiva com que se opponhaõ, e áquelles Reinos, que posto sejaõ grandes, e poderosos, tem perdido as forças moraes pela corrupçaõ prévia, que elle destramente lhes sabe introduzir, desorganizando-os, e desbaratando-lhes a uniaõ com facções, e partidos, que elle d'ante maõ inflamma, e accende, esperando o momento em que a luta das paixões seja mais viva, e em que o cégo bando revolucionario tenha adquirido maior força, e preponderancia. O arbitro se diz entaõ pacificador, e vem como generoso amigo da ordem, e da paz aquietar o tumulto, e unir os vacillantes membros do estado. Este arbitro limita-se como digo aos pequenos Dominios, ou áquelles, que debaixo da ap-

pa-

parencia de grandeza tem chegado pelas suas tramas ao perfeito estado de decadencia, e enfraquecimento. Pode dissolver em parte a constituiçaõ Germanica, formando huma chimerica Confederaçaõ de pequenos Potentados, cuja soberania precária de pressa findará; mas naõ pode abalar as bazes do Imperio Austriaco, que espera o momento de vingar a injuria, e que medita em silencio hum repentino golpe, que abata para sempre a força, o orgulho, a prepotencia do chamado arbitro dos destinos: Pode invadir o inerme Reino de Napoles com a surda introducçaõ de suas vagabundas Coortes: Pode surprehendello no estado da paz, e da segurança; mas naõ pode com taõ cavilosas sedicções, com tantos agentes da discordia, com tanto sangue derramado no throno dos Sultões, nem subjugar, nem dividir o vasto Imperio Ottomano: Pode invadir-lhe huma Provincia exposta como o Egypto, sem declarar a guerra, para justificar a invasaõ, e a rapina; mas naõ pode conservar a intentada conquista, onde comprou a vergonhosa, e va-

vacillante conservaçaõ a preço da hipocrisia. Declarou-se sequaz do Illanismo para illudir a credulidade dos Egypcios aquelle mesmo, que na parte mais occidental da Europa, depois de conseguir huma compassiva recepçaõ, se declara arbitro dos destinos dos Póvos, e dos Reis. Pode monarchisar a Hollanda coberta de luto, e sentada sobre as ruinas da liberdade Republicana, chorando sua irreparavel quéda; mas naõ pode invadir (e quando o poderia) a triunfante, e oppulentissima Inglaterra, cujas nadantes fortalezas lhe tem coberto de estragos a usurpada Monarchia, e engrossaõ os ferros, e estreitaõ mais e mais a prisaõ Europea, em que o Leaõ marfado lança inuteis rugidos, que, longe de atemorisarem, augmentaõ a segurança, e redobraõ o riso ao invensivel Leopardo, que he o simbolo de suas triunfantes armas. Pode achar na Prussia hum partido taõ poderoso, ou taõ propagada até nos primeiros lugares da milicia a pestifera seita, de que o arbitro supposto se declarou a primeira cabeça, que fez oscilar por hum

pouco a existencia desta aguerrida Monarchia, mas naõ pode contrastar a força magnanima, e austera virtude dos Suécos. Deos immortal, podiaõ exclamar os Francezes, que ridiculo Imperador nós temos! quando o viraõ rodeado de infames, e venaes Actrizes, bucar nas conferencias d'Erfurt a alliança de hum Monarcha, que teme, e em cuja presença deixa de ser arbitro, para ser caviloso dependente.

XIX. Parece-vos, Senhores, que pararíaõ, e se suspenderiaõ nestas blasfêmias os ultrajes feitos a hum Deos immortal, e invisivel? Pois ainda naõ, as blasfêmias crescêraõ, e subiraõ mais, quando em nossos papeis públicos (ou mais depressa seus, porque forjados na Officina de sua mentira, e impostura) se nos disse que o sanctuario da sua alma era impenetravel, e que seus vastos designios eraõ imprescrutaveis, e incomprehensiveis ao nosso entendimento, (qual he o espirito por pequeno, e acanhado que seja, que naõ conheça que os designios do Corso saõ roubar, e escravisar o Mundo?) Novo attentado con-

contra Deos. Só em o sacrario de seus segredos naõ pode entrar o homem, he insondavel o abismo de sua sabedoria, e deixando o Mundo ás disputas, e controversias dos mortaes, nunca permittio que entre no cabal conhecimento das causas fisicas dos fenomenos, que observaõ no seio da natureza. A extrema debilidade de nossos olhos naõ pode sustentar o claraõ, e o reverbero das obras do Omnipotente. Saõ imprescrutaveis seus caminhos: e esta indecifravel sabedoria de Deos, esta espantosa profundidade de seus designios, tambem he apropriada a hum mortal taõ abjecto e taõ miseravel, que ousa desta maneira affrontar a suprema Divindade de Deos, igualando-se-lhe em Omnipotencia, Providencia, e Sabedoria.

XX. E naõ he elle ainda aquelle Deos que confundio a soberba de Faraó? Naõ fez elle descer ao fundo dos mares, como desce huma pedra, seus exercitos, seus falcados carros, seus orgulhosos cavalleiros? Naõ he elle ainda aquelle mesmo Deos, que transformou em féra bruta, e selvatica o desacorda-

do Nabuco, que imaginou ser alguma cousa mais que mortal, e mais que Monarcha? Naõ he elle ainda aquelle mesmo Deos, que exterminou em huma só noite as orgulhosas falanges do Monarcha da Assiria? He ainda o mesmo Deos; e se seus castigos saõ vagarosos, saõ por isso mesmo ainda mais terriveis. E poderá tardar o castigo, ou demorar-se muito na carreira o raio da Divina Justiça? Eu vejo, assim he, este soberbo Cedro empinado em as faldas do Libano, elle mette pelas nuvens a enramada, e orgulhosa cima, affronta a mesma terra, que o sustenta, com sua espantosa sombra; mas se desviado delle hum pouco, volvo para traz a vista, ou o naõ descubro ja, ou quando muito diviso seus troncos fendidos, e escarchados, e suas vecejantes folhas reduzidas a cinzas. Naõ ha para os Tyranos huma tranquila morte, e eu naõ posso deixar de reconhecer a espada da ira de Deos, quando volvo os olhos para o volume, que da morte dos Perseguidores nos deixou escripto, como se julga, Lactancio Firmiano. Ainda o nome deste barbaro au-

augmentará aquelle Catalogo terrivel. Huma setta, despedida por invisivel maõ, partio a têa da existencia ao impio Juliano, menos barbaro ainda, menos perseguidor e menos sacrilego, que este monstro.

XXI. Sua ignorante audacia naõ só aggravou a Deos como Creador, e Arbitro da natureza, mas o ultrajou como Redemptor na pessoa de seu Unigenito Filho. Novo horror para os nossos ouvidos, novo motivo para o nosso desaggravo. Naõ vimos nós escripto nos públicos cartazes de sua impostura o que seus agentes, seus representantes se atrevêraõ a dizer á face do Ceo, e da terra, que sua Missaõ era divina, e que elle obrava de concerto com a Providencia? Escuta-se acaso isto nas solidões e ermos areaes da Arabia da boca de Mahomet, que junta a si bandos ferocissimos para estabelecer hum Imperio, e lançar os fundamentos a huma seita maldita, e detestada? Naõ, naõ se escuta em o VI. para o VII. Seculo, escuta-se em o XIX. no meio das praças de Madrid, e repete-se com a mesma

im-

impiedade pelas esquinas desta Capital. Que outra Missaõ divina reconhecemos nós mais, que a de J. C. nosso Redemptor? A nossa fé nos dá o mais claro testemunho desta verdade; mas foraõ taõ luminosos os factos, que a acompanháraõ, e que a comprováraõ, que a deposiçaõ dos sentidos se transformou tambem no mais incontrastavel argumento. Todos os passos, todas as acções, todas as palavras do Redemptor áttestaõ, e descobrem a Divindade de sua Missaõ. As virtudes, que ensina, os milagres, que executa, a moral que estabelece, os misterios, que declara, tudo annuncia hum homem Deos mandado por seu eterno Pay para salvar o mundo. Seus passos dirigem-se pelos caminhos da beneficencia, e da caridade. Ha lagrimas, que naõ alimpe? suspiros, que naõ suffoque? Famintos, que naõ farte? Cegos, que naõ illumine? Doentes, que naõ sáre? Desgraçados, que naõ console? Males, a que naõ dê remedio? Tempestades, que naõ dissipe? Mares, que naõ socegue? Ventos, que naõ encadeie? Mandamentos da Lei, que naõ

ex-

exponha, e que naõ pratique? Vassallos, a quem naõ intime a sujeiçaõ? Monarchas, a quem naõ obedeça? Tributos, que naõ pague? Peccadores, a quem naõ converta? Coraçaõ, que naõ amoleça? Ha algum bem, que elle deixe de praticar, ou distribuir aos homens? *Pertransit benefaciendo, & sanando omnes*! Eis-aqui os caracteres luminosos da sua Divina Missaõ, e como elle obra de concerto com a misericordia, e providencia de seu eterno Pai na felicidade, e regeneraçaõ de todos os homens.

XXII. Olhai agora para o que se diz divinamente inspirado, divinamente enviado. Olhai para o malvado, vede os signaes da missaõ, que o acompanhaõ. Ha mal existente, ou excogitavel que naõ faça? sangue, que naõ procure derramar? Reino, que naõ assole? Provincia, que naõ devaste? Roubo, que naõ execute? Sedicçaõ, que naõ motive? Rebeliaõ, que naõ inspire? Desgraça, que que naõ promova? Oppressaõ, que naõ intente? Luto, que naõ derrame? Coraçaõ, que naõ magóe? Individuo, que

naõ

naõ affija? Mai, que naõ consterne? Filho, que naõ arraste? Lei, que naõ despreze? Autoridade, que naõ insulte? Asilo, que naõ profane? Instituiçaõ, que naõ desorganize? Meio de existencia, que naõ tolha? Thesouro, que naõ dilapide? Sociedade, que naõ apoquente? Monarcha, que naõ persiga? Naçaõ, que naõ perturbe? Giro, que naõ embarace? Virtude, que naõ espesinhe? Legislaçaõ, que naõ supplante? Crime, que naõ commetta? Perfidia, de que naõ uze? Verdade, que naõ obscureça? Direito, que naõ despreze? Respeito divino, ou humano, que naõ atropele?

XXIII. E quando se atreve este blasfemo a dizer que obra de concerto com a Providencia? Quando se atreve a inculcar divina a sua missaõ? Naquelle instante em que acabava de commetter os dois maiores attentados, de que ha memoria nos annaes dos crimes dos Tyranos; a invasaõ perfida deste Reino, e o roubo aleivoso dos Monarchas de Hespanha: delictos sem modelo, e delictos sem exemplo. Todos os outros crimes, a traiçaõ, a rapina, a aleivosia,

sia, a ambiçaõ, a cobiça, a vingança, a ingratidaõ se fechaõ nestes dois delictos. E he desta maneira que se obra de concerto com a Providencia? He este o Rei mandado por Deos? He este o Ciro annunciado dois seculos antes de seu nascimento, para ser o Pastor que rebanhe as dispersas ovelhas, e encha, e cumpra quanto lhe determine a vontade do Senhor? Saõ estes os testemunhos, os caracteres de huma missaõ divina? E se J. C. foi aggravado no seu caracter, e ministerio, tambem o naõ foi menos em sua Religiaõ: desacato tanto mais escandaloso, quanto maior he a malicia, e reflexaõ, com que foi executado. Para illudir os Póvos, para nos illudir a nós, mostra em suas palavras seguir, e abraçar a Religiaõ, e manda que esta mesma Religiaõ seja insultada em nossa presença, insultada em seus misterios; porque os escarnêcem, insultada em suas ceremonias mais augustas; porque as suspendem, insultada em seus Templos; porque os profanaõ, insultada em sua pompa; porque a aniquilaõ, insultada em seus ministros; porque proscre-

crevem , agrilhoaõ e degolaõ , e finalmente insultada em seus thesouros; porque os roubaõ , naõ havendo barreira por sagrada que seja, que suspenda sua cobiça , e avidade ou insaciavel rapina; attentando contra seu supremo chefe , e Pastor visivel , ludibriando-o sacrilegamente sem respeito á sua Pessoa , sem gratidaõ á sua generosidade , e benevolencia , despojando-o do que possue , confinando o como criminoso prisioneiro dentro em seu mesmo Palacio : acçaõ monstruosa , execravel , e que se naõ descobrio entre os mesmos barbaros , que invadíraõ , e retalháraõ o Imperio Romano. Deixáraõ intacto o patrimonio de S. Pedro , e se algum soldado inculto mutilou alguma Estatua , algum Busto , naõ lançou as mãos ávidas aos ornamentos Pontificaes , nem se lembron como este monstro , quando mandou fazer o primeiro saque de Roma pelos seus dois taõ decantados Satelites , Massena , e Berthier , de querer converter o sacratissimo Templo de S. Pedro veneravel com o tumulo de tantos Martyres , com a memoria de tantas virtudes ,

com

com os munumentos mais ricos das artes em hum theatro para representaçaõ de abominaveis, lubricas e deshonestas farças, quaes só podem subir á moderna scena Franceza, em que a devacidaõ he hum Idolo publicamente adorado. Isto naõ fez hum Atila, que no meio de seus furores, na carreira de suas conquistas respeitou humilde o Soberano Pontifice, e mandou voltar as Ordas devastadoras outra vez para a Panonia, (hoje Hungria) donde haviaõ sahido. Isto naõ fez o seu taõ mal seguido, e imitado modelo Alexandre, que entrando na Palestina depois da conquista de Tyro, e de Sidonia na sua passagem para a Mezopotamia, respeitou a Cidade santa de Jeruzalem, adorou o Deos dos exercitos no seu Templo, acatou, até prostrado em terra, o Supremo Sacrificador Jadus, notavel quadro traçado pelo historiador Hebreo entre outros muitos de suas antiguidades? Isto mesmo naõ fez o triunfador Pompeo, revestido da dignidade de Consul Romano, quiz, assim he, metter os olhos no lugar santo, e levantar a cortina do Propiciatorio,

rio; mas naõ profanou, nem roubou o Templo; naõ vilipendiou o sacerdocio, e se mandou levantar as Aguias symbolo da magestade Romana, foi mais para signal de terem alli chegado as armas do Imperio, do que por insulto feito a Deos.

XXIV. Oh se eu podera desde este lugar santo fazer soar a minha vós até aos degráos do throno, que o monstro occupa, deslumbrado com a soberba que o faz esquecer da condiçaõ da mortalidade, aos degráos daquelle throno, que se firma sobre os sanguedos Monarchas, sobre a universal consternaçaõ dos Póvos, sobre as lagrimas de tantas viuvas, e de tantos Orfãos, sobre o desampáro de tantas familias, sobre escandalos, ruinas, oppressões, rapinas e perfidias, daquelle throno onde hum mortal ousa insultar, e provocar a Divindade, eu lhe dissera; vê mizeravel ambicioso o que tens feito, e o que fazes. Vê que os louros, que te cingem, naõ pódem encobrir os crimes que commettes. Ja ha muito que a voz do remorso emmudeceo em tua alma, eu te direi o

que

que elle te devera dizer, se tu naõ tiveras soffocado os principios da moral. Considera a que preço tens comprado essas palmas, que a morte ha de murchar, essa morte dos Tyranos, cujo braço tu levantas, e armas com teus mesmos crimes. Olha para a Europa coberta de dó: vê seus rios tintos de sangne, suas montanhas, seus campos por toda a parte alastrados de cadaveres: em quanto seus descarnados ossos alvejarem na terra, será teu nome infausto coberto de maldiçõ̃es. Vê os fructos miserandos de teu furor, de tua soberba, de tua rapacidade. Tens dado tantas victimas á morte; tens roubado os filhos aos pais, os esposos ás esposas, os cultores aos campos, os braços ás artes. Vê nos mutilados membros dos vassallos, que te restaõ, os monumentos da tua Sevicia, treme, e repouza. O fio da ambiçaõ, e das victorias de Cezar, foi cortado com hum punhal; porque tinha ultrajado a Patria, e a liberdade; qual será teu destino, tu que tens ultrajado a humanidade, a natureza, a Religiaõ, o mesmo Deos em seus eternos, e infinitos

tos attributos ? Vê o que tens feito ao mesmo miseravel Reino com que te levantas-te ! Promettes-te ao Imperio a gloria , e das-lhe opprobrios ; a paz , e continúas a guerra ; a liberdade , e das-lhe ferros ; a prosperidade , e das-lhe a mizeria , confunde-te , vendo esta pouco numerosa Naçaõ , que te supplanta , prostrada aos pés dos altares para reparar os ultrajes , que fizeste ao Senhor nosso Deos. Tu roubaste seus Templos , espera ainda que huma visivel maõ escreva diante de teus olhos a sentença de tua condemnaçaõ , e de tua morte. He o mesmo Deos das vinganças , que tu ultrájaste o que pésa teus enormes delictos , o que conta teus attentados , o que dividirá teu uzurpado Imperio , e o que tem pendente sobre a tua cabeça a espada da sua Justiça. He o mesmo Deos que ainda póde arrancar do monte huma pequena pedra , a cujo leve contacto cáia pulverisada a collossal estatua de tua ambiçaõ , soberba , e tiranya.

XXV. Portuguezes , chegámos ao momento em que a venda se rasgou ,

ven-

venda de illusaõ, que a muitos tapava os olhos; os que mais presumiaõ de illustrados, eraõ os que mais crassamente permaneciaõ illudidos. Verbosas, e ocas declamações, fementidos discursos, e chimericos planos, que faziaõ á materia, e fundo de escriptos incendiarios, inflammavaõ animos inquietos, e debaixo de efémeras flores de huma sofistica eloquencia lhes propinávaõ o mortifero veneno da irreligiaõ, e da incredulidade; e os dispunhaõ a se naõ espantarem das horriveis blasfemias, que nós agora nesta humilde adoraçaõ a Deos expiamos, desaggravando sua Magestade Suprema. Sabei que nada diziaõ que fosse novo. O plagiato me dava sempre a conhecer a pequenhez, e má fé dos seus incendiarios autores. Eu pasmava de os encontrar no pó das Bibliothecas em ignorados volumes. Estes Sofistas, reproduzindo o antigo, nos davaõ a ler o que tinhaõ dito ainda com maior ostentaçaõ de engenho Budeo, Machiavelo, Hobes, e Spinosa. Promettiaõ ser os regeneradores, e eraõ os perturbadores do genero humano. Quizeraõ fazer co-

nhe-

nhecer ao homem cidadaõ quaes eraõ os direitos, que o constituiaõ livre e o fizeraõ mais escravo confundindo, e anniquilando as Jerarchias, que o mérito, e os seculos tinhaõ formado. Abriraõ o passo para a nova ordem de oppressores barbaros, insolentes, e deshumanos. Querendo estabelecer a fantastica igualdade moral, deraõ á Europa hum Despota, que sem respeitar o direito divino, e humano, tem por talentos a rapina, e por estudo a força. Vamos Portuguezes, vamos desaggravar a Deos, e para isto he preciso desterrar do meio de nós estas fontes de veneno adormecedor, e arrancar das mãos de vossos filhos mancebos estes monumentos de corrupçaõ, naõ consentindo que sua indole Portugueza, docil, e propensa para a virtude degenere na flor de seus annos. Crede a minha experiencia, a minha observaçaõ, desviai-os para sempre desses mestres corruptores; e lembrai-vos, que he mais util á Patria hum Cidadaõ honrado, que hum infatuado sabio, que parando na superficie, naõ conhece o mal que faz á sociedade pública a soberba

do

do espirito mais funesta, que os crimes do coraçaõ de quem a fragilidade he inseparavel. Fazei que se occupem de grandes objectos; que adquiraõ a verdadeira sciencia, que tem por alicerces o amor da Patria, e os deveres de cidadaõ, e de vassallo. Ponde-lhes diante dos olhos grandes exemplos de vossos maiores, e naõ imagineis que eu queira ser hum panygirista da ignorancia. O Seculo da maior gloria Portugueza, tambem foi o seculo das luzes: mas nestes affortunados dias de conquistas, descobertas, e triunfos casava-se a sciencia com os costumes. Nossos Avoengos naõ tinhaõ lido o contradictorio cidadaõ de Genebra, e houve entre elles Generaes pobres como Fabricios, cidadãos fieis como Régulos, conquistadores generosos como ambos os Scipiões, homens intrepidos, e pacientes como Scevolas.

XXVI. Eis-aqui o primeiro passo que devemos dar, para desaggravar a Deos ultrajado entre nós pelas blasfêmias dos impios. Foi atacado em seus infinitos, e santissimos attributos; pede a nossa adoraçaõ para repararmos os ul-

trajes, que recebeo. Nós mostraremos que o adoramos, e conhecemos, se desterrarmos com opprobrio e confusaõ dentre nós, esses fataes conventiculos taõ perneciosos na ordem politica, e ordem religiosa, chegando a malicia a formallos até em recintos, que só deviaõ servir de asilo, e de morada á virtude. Conventiculos em que a vã ostentaçaõ de talentos superficiaes minava em silencio, ou surdamente as bazes da pública segurança, e os esteios firmissimos da Monarchia. Eu sei que este impeto do meu zelo patriotico naõ se compadecerá muito com o caracter de Orador sagrado, que exercito, no conceito dos detractores da Religiaõ, que exigem para si praticada aquella caridade, que para com os outros naõ exercitaõ; mas eu naõ devo esquecer-me de combater o vicio nos seus ultimos entrincheiramentos.

XXVII. A Religiaõ he o motivo, e a fonte da prosperidade eterna, e temporal; torna feliz o homem na vida, e na morte: huma sociedade de Atheos he chimerica, e naõ poderia subsistir: as mesmas leis sem Religiaõ naõ teriaõ vi-

vigor: podem castigar acções externas, mas naõ podem formar aquelle freio interior que liga o homem no coraçaõ e no espirito. Ella exalta, e engrandece a condiçaõ do mortal; affiança-lhe huma futura, e nova ordem de couzas; promette-lhe a uniaõ com o mesmo Deos; destróe todas as apparentes contradicções da natureza com a virtude; he finalmente hum penhor de huma immortalidade feliz. Naõ podem as Monarchias ter huma baze mais firme, e mais segura; e nós vemos pela contemplaçaõ de nossos Fastos, e Annaes, que a prosperidade, e gloria da Naçaõ andou sempre unida com o amor da Religiaõ, e com o respeito, e submissaõ divida a seus misterios, com a pratica de sua moral, com a magnificencia, e pompa de suas augustas ceremonias. Affonso I. com as mesmas mãos, com que vencia inimigos, levantava Templos ao senhor das victorias; e os dias mais serenos, e gloriosos da Monarchia, foraõ os dias de Joaõ III. e Joaõ V. em que a piedade, e a Religiaõ mais florescêraõ; nunca gozou a Naçaõ de tantas conquistas, tan-

tos thezouros; nunca sentio em maior cópia os suavissimos álitos da paz; elles eraõ como a recompensa da piedade de nossos Avoengos. Enraõ desta fonte exuberante de todos os bens dimanava aquelle vigoroso, e sincero patriotismo, que animava a todos, aquella mutua, e estreita uniaõ, que fazia dos diversos membros da República hum só corpo. Todos entaõ conspiravaõ para a gloria da Patria, e se conservava intacta aquella honra, aquelle brio, que tornava taõ illustre, taõ respeitavel o nome Portuguez. As vontades de todos formavaõ huma só vontade universal, e pública, com a qual todos detestavaõ costumes estranhos, maneiras frivolas taõ oppostas á gravidade do caracter nacional. Entaõ eraõ todos prodigos do sangue, e da vida, para manterem, e conservarem as leis, os costumes, as Ceremonias, e opiniões. Era igual, e uniforme o caracter Portuguez, sempre se divisava o mesmo homem na Europa, na Africa, na Azia, e America, sem que as leis, e costumes de tantos, e taõ differentes Póvos, que viraõ, e conquistáraõ, alte-

ras-

rassem , mudassem , ou desfigurassem hum Portuguez. Senhores foraõ da Azia, e nem sua moleza , suas delicias , seu fausto, suas riquezas podéraõ destruir a frugalidade, a inteireza, o brio de hum só Portuguez daquellas ditosas epochas. Taõ longe da Patria, naõ viaõ mais do que a Patria ; porque a levavaõ sempre no coraçaõ. Todos estes bens, estas virtudes , que os fizeraõ senhores de taõ vastos Reinos, nasciaõ da adhesaõ, e respeito que elles conservavaõ sempre á santissima , e verdadeira Religiaõ, que professamos. Podia haver algum Portuguez traidor, inimigo da Naçaõ. Houve alguns, que a vendéraõ; mas estes perfidos , e infiéis á Patria desappareciaõ como fracções infinitesimas em o todo da Naçaõ. Tanto poder tinha a Religiaõ sobre o caracter , e conducta de nossos Pais! Tanta he a efficacia, e valor desta Divina Religiaõ! Ella só nos faz conhecer a Divindade ; ella só nos mostra que coiza he o homem , e que relaçaõ tenha, e conserve com o Autor do Mundo, comsigo, e com os outros homens ; ella prescreve as solidas , e

eter-

eternas leis do amor da Patria; ella nos faz comprehender a lei da justiça, da honestidade, do reciproco soccorro; ella faz os homens pios sem fingimento, justos sem violencia, honestos sem hipocrizia, caritativos sem interesse vil, nem de ambiçaõ, nem de gloria, nem de esperadas, ou promettidas riquezas; ella nos torna perfeitos, e amaveis, e produz na socciedade civil a mutua confiança, alegria, e tranquillidade, e nos faz gozar do verdadeiro, e naõ fingido semblante do homem. Naõ he menos celestial o systema desta Religiaõ, se hum Povo da terra, por sua impiedade, se separou da crença de seus misterios, e da pratica de sua moral, e se a má fé, a ambiçaõ, a avareza, a fraude se apoderáraõ dos que orgulhosa, e falsamente se dizem os conquistadores do Mundo.

XXVIII. Crede, Senhores, que os males, que pesáraõ sobre nós, naõ correraõ de outra fonte mais que do esquecimento, ou desprezo daquelles deveres, que nos prescreve a Religiaõ. Que muito, que premittisse o Immortal, que

os

os impios a viessem insultar no seio de nossa Patria, se muitos dentre nós a insultavaõ no fundo do coraçaõ? Naõ havia a mesma modestia, a mesma ingenuidade nos mancebos, que n'outro tempo foi taõ propria da Juventude Portugueza? Naõ conservava o mesmo respeito, a mesma submissaõ ao imperio paternal, huma das primeiras leis da Natureza, primeiro fundamento da sociedade, e primeiro modelo do dominio Monarchico. Reinava o immoderado luxo, a pompa mundana, a vaidade, e a cobiça. N'huns a avareza, e n'outros a desasisada prodigalidade. Faltava a fé, e a sinceridade em os negocios públicos, talvez que a inflexivel vara da justiça se deixasse alguma vez dobrar para a parte do interesse, e do soborno. Esta parte moral da Religiaõ estava ultrajada. Que direi de seus augustos misterios, objectos só de submissaõ, e respeito para o entendimento humano? Os semidoctos espalhados como imissarios das trevas pelos congressos públicos, e particulares, semeavaõ a incredulidade, e pezavaõ os dogmos na balança de

seus

seus miseraveis raciocinios. Os Templos convertiaõ-se em theatros; nelles hia fazer profana ostentaçaõ de venaes attractivos a devassidaõ pública, e eu mesmo era escutado, naõ pelas verdades que dizia, mas pelo modo com que as dizia, esperando-se que derogasse a magestade augusta da moral Christã com os futeis atavios de huma estudada, affectada, e ridicula eloquencia. Ah! Senhores, tudo eraõ desgraças, mortes, pestilencias, guerras, expoliações em Israel, antes que Josias purificasse a Religiaõ, derrubasse os impios altares, desarreigasse os bosques, pulverizasse as estatuas, e exterminasse os falsos Sacerdotes. Tudo foi serenidade, liberdade, abundancia, prosperidade no meio daquella Naçaõ, depois que este piissimo, e tantos seculos antes promettido Monarcha pelo seu mesmo nome prestasse ao Immortal este grande obsequio da sua piedade, e Religiaõ. Naõ deixemos mais juntar, e engrossar as causas de nossa desventura no desprezo de nossa santa Religiaõ. Eu naõ vos devo intreter jamais com allegorias. Desterrem-se

pa-

para sempre dentre nós esses impios sectarios da incredulidade, esses apadrinhadores de hum mal entendido naturalismo. Vigie-se sobre a probidade dos mestres, naõ sahiráõ de suas mãos plantas, que a indole natural e virtuosa endireitava para o Ceo, vergadas, e inclinadas para a terra; opponhamos a triaga a tantos venenos, que corrompiaõ corações inexpertos, e desapercebidos. Seja o impio para si: suffoque dentro d'alma a peçonha, que nella referve, e se exaspera. Sejamos Portuguezes na Patria, nos costumes, na Religiaõ, nos sentimentos de honra, e de intregridade. Sejamos o que foraõ nossos abençoados Pais, naõ tornaremos a ser o que agora fomos, e de que a liberalidade, clemencia, e mizericordia do nosso Deos e Senhor nos acaba de livrar, quebrando o jugo que pezava sobre os nossos pescoços, anniquilando o tiranico dominio, em que nos conservavaõ estranhos, dando-nos mais ardente o amor do serviço de sua santa Religiaõ. Procigamos assim, nós o desaggravaremos dos ultrajes, que os impios lhe fizeraõ no seio

da

da nossa Patria. E se o monstro sedento de sangue humano chegou a tal altura de corrupçaõ, que naõ tem mais que hum pezar, que he o de naõ poder excogitar ja huma nova maldade que commetter, conservemos nós no coraçaõ viva a nossa fé, segura só em Deos a nossa esperança, seremos assim perpetuamente ditosos.

Disse.

Vende-se este Sermaõ, com outro do mesmo Autor, prégado na Igreja dos Martyres, na loja de Jose Antonio da Silva Livreiro á Praça da Figueira N.° 22.